

# HORROR E PODER EM SHAKESPEARE: o Macbeth de Orson Welles

Horror and power in Shakespeare: Macbeth by Orson Welles

Rafael de Paula Aguiar Araújo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

153

**Resumo:** O presente artigo recupera a versão cinematográfica de Orson Welles para a peça de William Shakespeare, *Macbeth*. A reconstituição da narrativa é realizada com o intuito de pontuar as estratégias do autor para evidenciar aspectos políticos do texto. Com isso, elementos discursivos e estéticos são sublinhados com o objetivo de afirmar que o filme de 1948 constitui-se em obra autônoma e autoral, que oferece uma materialidade para o horror.

**Palavras-chave:** Orson Wells; poder; horror.

**Abstract:** This article examines the film version of Orson Welles for the play *Macbeth* by William Shakespeare. The reconstitution of the narrative is done with the aim of analyzing the strategies employed by Welles to highlight political aspects of the text. Thus, discursive and aesthetic elements are underlined with the objective of ensuring that the movie of the 1948 is an autonomous and authorial work, which offers a materiality to the horror.

**Keywords:** Orson Wells; power; horror.

*Em dobro, em dobro, esforço e tormento.  
O fogo queima e o caldeirão borbulha.  
Jorra o sangue de uma porca que comeu  
os seus nove rebentos. A gordura que  
escorreu da forca de um assassino. Joga  
na chama o dedo de um bebê estrangulado  
ao nascer e parido ao relento por uma  
prostituta. Deixa o mingau grosso e  
viscoso como um caldo do inferno,  
efervescente e borbulhante, para um*

*feitiço de poderoso infortúnio. Quando  
nos encontraremos, as três, novamente?  
Nas trovoadas, nos relâmpagos ou na  
chuva? Quando a desordem terminar.  
Quando a batalha estiver perdida e  
vencida. Isso acontecerá antes do pôr do  
sol. Quando encontraremos Macbeth.*

Assim se inicia a leitura de Orson Welles do drama histórico de Shakespeare<sup>1</sup>. As três bruxas preparando um feitiço em um caldeirão, de onde emerge um boneco de barro que representará a ascensão e ruína de Macbeth. O filme, de 1948, traz um texto bastante modificado por Welles, cenários e figurinos que formam um conjunto inequívoco, lúgubre, capaz de dar materialidade ao horror. A presença permanente de uma névoa, os trajes de peles de animais, as árvores secas, o céu revoltoso, um castelo de paredes úmidas são elementos que contribuem para uma estética sombria do filme. Além desses elementos, soma-se o recurso da anunciação usado por Welles para construir o suspense que atravessa a trama inteira. O horror, que ganha visualidade no filme, constitui-se a partir desse recurso. Esse artigo buscará fazer uma análise do filme de Welles dando ênfase ao horror e associando-o ao poder. Para tanto, serão pontuadas as estratégias narrativas e alguns elementos constitutivos do enredo.

<sup>1</sup> A peça de William Shakespeare foi adaptada, protagonizada e dirigida por Orson Wells em 1948. *Macbeth – reinado de sangue*, Estados Unidos, 107 min.

O horror é uma repulsa provocada por uma percepção, por um pressentimento. É também um sentimento de aversão e ódio àquilo que não está em conformidade com o normal. Diante do desconhecido, o horror é um sentimento de impotência, de medo. Diante da catástrofe, o horror é um incômodo gerado pela culpa ou mesmo pela impotência de ação, pelo assombro de enxergar uma realidade indesejada. (ARAÚJO, 2009, p. 26)

O horror, portanto, é uma sensação que se constitui a partir de uma reação a algo, nesse caso, as tragédias que irão se desenrolar ao longo do filme. Em sua origem, a palavra significa tremer, recear, mas também erguer-se, colocar-se em pé, no sentido de eriçar os cabelos e pêlos do corpo (cf. TORRINHA, 1942). Não existe horror, portanto, se não houver conhecimento, consciência dos fatos.

O filme se inicia com as bruxas fazendo suas profecias a Banquo e Macbeth: esse último se tornará lorde de Cawdor e depois será rei, enquanto Banquo, embora não vá ocupar o trono, será pai de uma linhagem de monarcas.

A anunciação do futuro, semelhante ao que fazem as bruxas no filme, ocupa um lugar especial na mitologia grega. Segundo a tradição, no

oráculo de Lebadéia havia um ritual que implicava a descida ao *Hades*. Ao chegar ao mundo dos mortos, havia duas fontes de água: *léthe* e *mnemosyne*. Aquele que bebesse de *léthe* se esqueceria de seu passado, enquanto o que bebesse de *mnemosyne* se lembraria de tudo o que tivesse visto e ouvido no *Hades*.

A Mnemosyne do ritual de Lebadéia é ainda, em muitos pontos, parente da deusa que preside, em Hesíodo, à inspiração poética. Como a mãe das Musas, ela tem a função de "revelar o que foi e o que será". Mas, associada a *Léthe*, ela se reveste do aspecto de uma força infernal, agindo no limiar do além-túmulo. O além, cujo acesso ela oferece ao iniciado, identifica-se com o mundo dos mortos. (VERNANT, 1990, p. 145)

As bruxas de Welles ocupam função central na narrativa dos fatos e na materialização do horror, pois é através da anúncio do futuro que se instaura o suspense do filme e a tragédia dos acontecimentos. A anúncio de um oráculo, ou de um vidente, no domínio de *kairós*, o tempo do acontecimento, transcende a condição humana e vislumbra a morte e a vida através das reminiscências da memória. O

anunciador bebe de *léthe* e *mnemosyne*, a lembrança e o esquecimento, o que lhe propicia oferecer uma verdade enigmática, ambígua, chamada *alétheia*. O prefixo "a", de negação, permite compreender *alétheia* como algo oculto, latente, encoberto, que será desvelado. A verdade, portanto, aparece através da manifestação. Algo já presente na tragédia grega e que guarda semelhança com a peça de Shakespeare. As bruxas anunciam algo infernal a Macbeth e Banquo, mas também aos espectadores, que acompanharão os fatos se desenrolarem até a completa materialização das profecias.

O anúncio de que Macbeth será o lorde de Cawdor, em princípio, não lhe toma a atenção, uma vez que o lorde de Cawdor está vivo e títulos assim não poderiam ser de propriedade de duas pessoas. Mas logo chegam à cena os nobres Ross e Angus com a notícia de que o rei havia tomado conhecimento de sua bravura e sucesso na defesa do reino e, por isso, ordenava que Macbeth fosse nomeado lorde de Cawdor, título que passaria a ele por sua glória e por conta da traição do, ainda vivo, portador do

título. A nomeação, que acabava de confirmar a primeira profecia das bruxas, deixa Macbeth extasiado e arranca de Banquo a seguinte indagação: “Como pode o diabo falar a verdade?”. A associação entre a verdade e o mal martela a cabeça de Macbeth, que rapidamente resolve a equação: “Essa sobrenatural tentação não pode ser malévola, nem boa. Se ela é malévola, por que me deu um sinal de sucesso, começando por uma verdade?”. A partir de então, fascinado pelo poder e pela possibilidade de realizar-se a segunda previsão das bruxas, Macbeth torna-se aliado da fortuna e passa a perseguir a profecia. A busca pelo poder se tornará uma obsessão para Macbeth. A leitura de Orson Welles reforçará a ambigüidade do texto de Shakespeare ao apresentar a tragédia dos fatos no limiar do destino e da ação humana.

O primeiro improvável se realiza. Esse fato confere credibilidade às bruxas e indica a possibilidade real de que Macbeth possa tornar-se rei, então diz: “Eu sou lorde de Cawdor”, em seguida, olha para o antigo lorde, flagelado, desfalecido, depois, fica absorto, ouve-se um trovão ao fundo, dá alguns passos em

direção à câmera, seu rosto ocupa toda a tela e mantém o olhar ao longe, como se estivesse vendo o futuro passando diante de seus olhos, pensa. O espectador escuta o pensamento de Macbeth: “Se ela é boa, por que eu cedo a tal sugestão cuja horrível imagem arrepi<sup>2</sup> meu cabelo e faz meu coração tranquilo bater na costela, contra a natureza?”.

Shakespeare usa a imagem do coração que bate na costela como algo que foge da natureza, uma vez que também Macbeth ser rei é algo que foge a ordem natural das coisas. Se, no texto original, Macbeth assume o acaso como aquele que o fará rei (“se o acaso quer que eu seja rei, o acaso me poderá coroar sem que eu me mexa.”), Orson Welles, no entanto, não usa a palavra acaso nesse momento. Essa fala virá mais à frente, quando Macbeth está sonhando com o poder e escrevendo à Lady Macbeth. Ao invés de usar a palavra “acaso”, na fala de Macbeth, o filme de Welles traz de volta as bruxas, que dizem: “Ele desdenhará do destino, desprezará a morte e colocará suas esperanças acima

<sup>2</sup> Note-se que a palavra arrepio aproxima-se da palavra horror, que tem o mesmo sentido em sua origem. O horror significa arrepio dos pelos.

da sensatez da graça e do medo”.

Assim, a primeira cena do filme termina com o suspense sobre o desenrolar dos fatos. O recurso priva o espectador de surpresas, anuncia tudo o que vai acontecer, de forma a atribuir aos fatos o caráter indelével do destino e, ao mesmo tempo, caracterizar a busca pelo poder de Macbeth, avaliando a tragédia como consequência dos atos humanos. É nessa ambivalência que o filme será pautado. A busca pelo poder será a busca pela verdade revelada na profecia. A verdade será o caminho para as trevas e a causadora do horror. A relação entre a tragédia e a verdade ganha forma na medida em que se estabelece uma assimetria entre o que os espectadores sabem e aguardam, porque anunciado, e o que alguns dos personagens vivenciam. Para Raymond Williams, a tragédia não é

um tipo de acontecimento único e permanente, mas uma série de experiências, convenções e instituições. Não se trata de interpretá-las com referência a uma natureza humana permanente e imutável. Pelo contrário, as variações da experiência trágica é que devem ser interpretadas na sua relação com as convenções e as instituições em processo de transformação. (WILLIAMS, 2002, p. 70)

As transformações vão se desenrolar ao longo da trama de acontecimentos, em busca da concretização da verdade das profecias. A ordem dos fatos vai ser subvertida e as instituições contestadas. Mais tarde, Macbeth, Banquo e Ross estão sentados em volta de uma fogueira, a luz artificial que queima, comentando os acontecimentos, especialmente as previsões das bruxas. Ross diz: “É estranho. Para levar-nos à perdição os meios das trevas contam-nos verdades, conquistam-nos com futilidades honestas para trair-nos com as piores consequências”.

Em seguida, novamente o pensamento alto de Macbeth revela sua angústia: “Se a sorte tornar-me rei, ela pode coroar-me sem que eu precise agir” e essa fala revela já o seu desejo de perseguir o destino. A cena seguinte mostra Lady Macbeth recebendo as notícias, através da carta de seu esposo. Será ela a personagem articuladora do plano que assassinará o rei.

A chegada de Macbeth ao castelo é marcada pela decapitação do antigo lorde de Cawdor e pela recepção de

Lady Macbeth. Enquanto o casal conversa, vê-se ao fundo um corpo enforcado, ainda suspenso pela corda. Trata-se da imagem da morte que perdura pelo tempo e que possui visibilidade alertando aos vivos que a eles também lhes diz respeito.

As tropas vão chegando, junto está o rei Duncan. Macbeth tem o rosto teso, diferente da Lady que o aconselha: “Teu rosto, meu lorde, é como um livro em que os homens podem ler estranhas coisas. Para enganar o tempo, assemelha-se ao tempo. Dá boas vindas com os olhos, as mãos e a língua. Assemelha-se à inocente flor, mas sê uma serpente por dentro”. Desde as primeiras cenas, Lady Macbeth evidencia seu protagonismo. Será ela a grande responsável pelo assassinato de Duncan. O rei é justo e humilde. A cena de sua chegada é marcada pela visão da cabeça do antigo lorde de Cawdor suspenso em uma lança, consequência da traição.

Em seguida, o Homem Santo, personagem criado por Orson Welles, conduz um rito religioso fazendo a oração a São Miguel. Trata-se do arcanjo, que, segundo a tradição, é o

líder dos exércitos de Deus contra o mal. É digno de nota o fato de uma oração a São Miguel ser feita às vésperas do assassinato de Duncan. A doutrina dos dois corpos do rei dizia que Deus enviaria seus exércitos de anjos e arcanjos caso fosse necessário defender a realeza, crença que sela o vínculo entre o cristianismo e o poder soberano do rei. No entanto, no drama shakespeariano, são as profecias pagãs que acertarão. Duncan será morto, mas não sem custos. O observador que acompanha o desenrolar da trama já conhece o horror que se avizinha.

Depois que Duncan se recolhe para dormir, Macbeth exita. Lady Macbeth passa então a desempenhar seu papel convencendo-o. Então, Macbeth sobe ao quarto do rei e o mata, depois, volta com as mãos banhadas em sangue e com a consciência de que cometeu um erro, e diz: “Se eu tivesse morrido uma hora antes desse acontecimento, eu teria vivido um tempo abençoado, pois, a partir de agora, não há nada sério na mortalidade, tudo são futilidades. A glória e a graça estão mortas. O vinho da vida acabou. E o que nos sobra no fundo da adega são meras borras”. A reação de

Macbeth confirma a dúvida que o rondava ante a possibilidade de matar seu primo, governante tão amado por todos. Sua angústia é uma mescla de sua vontade de poder e de materializar como verdade a profecia das bruxas e sua consciência, ainda embebida pela moral dos governados.

Lady Macbeth vê que os punhais que mataram o rei ainda estão nas mãos de Macbeth, então, manda que volte lá e os deixe para que todos pensem que a autoria foi dos camareiros do rei, ao que Macbeth responde: “Eu não vou mais lá. Tenho medo de pensar no que fiz. Olhar para isso mais uma vez eu não ousar”. É a própria Lady quem deverá terminar o trabalho e também sujar suas mãos com o sangue dos mortos. Depois disso, ambos irão para seu quarto lavar as mãos e vestir as roupas de dormir.

Macduff chega ao castelo e encontra Macbeth acordado pela manhã, sem saber o que ocorrera ao longo da madrugada. Pergunta pelo rei e diz que o mesmo o pediu que o acordasse cedo. Macbeth indica o caminho do quarto e Macduff encontra o rei assassinado. Ao ver o rei morto, Macduff grita

anunciando traição e assassinato, e diz: “Horror, horror, horror! Tanto a língua como o coração não podem imaginar nem nomear o ocorrido. A destruição fez agora sua obra-prima”. Segundo HÖLDERLIN (2001, p. 165), “o modo mais fácil de compreender a significação das tragédias é pelo paradoxo”. O horror de Macduff é pela insensatez de se ver assassinado um rei bom e amado. A traição de Macbeth revela o paradoxo que a busca pelo poder instaura.

É preciso olhar para as conseqüências da ação beligerante em sua racionalidade política, ainda que a destruição causada pela violência inexorável salte aos nossos olhos. Do ponto de vista moral, considerar o mal como irreparável é assumir uma fatalidade da existência. Encarar o mal de maneira absoluta implica a consideração de seu oposto, um bem absoluto; e ambos implicam um afastamento da realidade. (ARAUJO, 2009, p. 238)

Os sinos tocam e todos acordam no castelo, na confusão e revolta, Macduff e o filho do rei, Malcolm, fogem para a Inglaterra. Banquo conversa com Macbeth e o lembra das profecias, temendo que tenha jogado sujo para cumpri-las. O clima de tensão se amplia quando Banquo o lembra que as bruxas disseram que seus filhos não

serão reis, mas sim os dele. Em seguida, Macbeth é tomado pela ira e esbraveja com Lady Macbeth, que lhe responde: “Coisas para as quais não há remédio não devem ser pensadas. O que está feito, está feito”.

Macbeth está atormentado com a ideia de que cometeu um erro. Manchou suas mãos de sangue para que os filhos de Banquo reinassem. Diante de um espelho que oferece uma imagem retorcida de um rei, Macbeth diz: “Ser assim não é nada sem sê-lo com segurança”. Frase que indica as próximas ações, os próximos assassinatos. A coroação de Macbeth é feita pela Lady e, paralelamente, pelas bruxas, no boneco que forjaram no início do filme. O poder vem junto de uma vida de sofrimento marcada pelo suspense da realização da profecia feita a Banquo.

Já em seu trono, Macbeth anuncia aos nobres do reino que a noite haverá um banquete em que todos devem comparecer. Banquo sai com seu filho, Fleance, para cavalgar. Então, Macbeth ordena a dois homens que façam uma emboscada e matem Banquo e Fleance. É a única forma que Macbeth

encontra para reinar em paz, livre das profecias das bruxas. Banquo de fato é assassinado, mas seu filho foge. Ao tomar conhecimento da morte de Banquo, Macbeth fica lembrando a conversa que tiveram pela manhã em que ele dizia que não perderia a festa que ocorreria a noite. Trata-se de mais um recurso de suspense, que anuncia o que está por vir, o espírito de Banquo aparecerá para Macbeth durante a festa. Ao ver Banquo e Duncan na festa, Macbeth surta, conversará com os espíritos para assombro dos nobres presentes no banquete e desespero da rainha. Lady Macbeth manda os nobres embora e, quando estão sozinhos, Macbeth diz: “Haverá sangue, dizem eles. Sangue chama sangue”. Novamente, Welles se utiliza do recurso de suspense, anunciando o que ainda está por vir.

Descontrolado e angustiado, sem suportar o futuro desconhecido que se avizinha, Macbeth convoca as bruxas e ordena que falem sobre o porvir. As três irmãs o mandam ficar alerta com Macduff, mas como se comporta o oráculo, não lhe respondem nada senão através de enigmas. Dizem as bruxas:

“Ninguém nascido de uma mulher poderá ferir Macbeth. Macbeth jamais será derrotado até que o grande bosque de Birnam, até o alto da colina Dunsinane, marche contra ele”. Ao que Macbeth, satisfeito, sem querer decifrar o significado da frase, apega-se ao seu sentido literal e diz para si mesmo: “Isso nunca acontecerá”. De qualquer forma, por precaução e obcecado por manter o trono, Macbeth ouvirá o conselho das bruxas e irá atrás de Macduff. Ao invadir o castelo, Macbeth mata a esposa e todos os filhos de Macduff.

A cena seguinte mostra Malcom e Macduff na Inglaterra recebendo as notícias da Escócia, através do Homem Santo. Malcom quer atacar Macbeth, mas não tem o apoio de Macduff, que só é convencido quando o Homem Santo lhe revela que Macbeth matou toda a sua família. Depois disso, Malcom e Macduff partem com um exército para destronar Macbeth.

Segundo Raymond Williams (2002), o mal acaba por ser considerado de forma absoluta, especialmente por conta da tradição judaico-cristã. Nesse sentido, é emblemático que as notícias

que vão impelir Macduff a atacar Macbeth venham de um homem religioso. A moral cristã servirá de parâmetro para que haja o julgamento dos fatos e sejam considerados trágicos. Segundo Williams:

o que a tragédia nos mostra, argumenta-se, é a ocorrência do mal como inevitável e irreparável. Simples otimistas e humanistas negam a existência do mal transcendental e desta forma são incapazes de experiência trágica. A tragédia é assim um lembrete salutar, uma teoria, na verdade, contra as ilusões do humanismo. (2002, p. 85)

Enquanto Macbeth aguarda o exército de dez mil homens que se aproxima, vai ao quarto de Lady Macbeth que, doente, tomada pela loucura, é vigiada por um médico. Nesse momento, Macbeth pergunta ao médico se não pode lhe dar um remédio para a mente, para lhe retirar da memória a dor enraizada e apagar as preocupações gravadas no cérebro e, com um antídoto do esquecimento, limpar-lhe do peito as coisas perigosas que pesam no coração. O médico o escuta e, ao final, lhe diz: “Nesse caso, o paciente deve tratar-se a si mesmo”. Macbeth o olha placidamente e diz: “Joga a medicina aos

cães. Não quero nada dela.” O pedido do rei é um apelo e um arrependimento ao mesmo tempo. Pedir um antídoto para o esquecimento significaria beber das águas de *léthe*. Mas isso implica ignorar *mnemosyne*, a memória do futuro que fez com que a verdade fosse manifestada nos acontecimentos. Macbeth faz o pedido, mas não o faz verdadeiramente porque sabe que é impossível o esquecimento diante da realização dos fatos que foram profetizados. Seu desânimo é evidente. Veste sua armadura e prepara-se para a luta, agarrando-se a última anúncio feita pelas bruxas, a de que ninguém nascido de uma mulher poderá ter poder sobre ele e de que não será derrotado até que a floresta de Birnam marche contra ele.

Macduff, liderando o exército e ao passar pelo bosque de Birnam, ordena que cada soldado arranque um galho de uma árvore e leve junto de si, dessa forma, o exército ficaria camuflado e não seria revelado o número de homens que o compunha. É assim que o enigma da resposta dada pelas bruxas vai sendo desvelado e ganhará concretude: a floresta de Birnam marchará até Dunsinane.

Antes da batalha, há uma cena em que mostra Lady Macbeth louca, sofrendo com a culpa pelos sangues que carrega em suas mãos e que não consegue limpar. A seqüência da cena termina com o suicídio de Lady Macbeth, que se joga do alto do castelo. Ao jogar-se, grita. Macbeth, no lado oposto do castelo escuta o grito e permanece impassível, já não se afeta com um grito noturno: “Eu estou empanturrado de horrores. O horror, familiar aos meus pensamentos de morte não pode me estremecer”. Logo chega alguém correndo e noticia que o que ouviram foi o grito de morte da rainha, mas a notícia também não afeta a Macbeth: “Ela devia morrer um dia. Haveria um tempo para essa palavra”.

Macbeth é surpreendido por um soldado que lhe diz ter tido a impressão, enquanto fazia sentinela na colina, de que o bosque de Birnam estava se movendo. Macbeth, com o semblante que tem quem já presente o infortúnio, diz: “Minha determinação vacila e começo a duvidar do jogo duplo do demônio, que mente como se dissesse a verdade”. A certeza se mostra frágil para Macbeth, e começa a salta-lhe aos olhos

a realidade. A incerteza sobre as profecias será sentida como uma ameaça de derrota que se aproxima, e o próprio Macbeth terá dúvidas sobre as verdades anunciadas.

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas. (NIETZSCHE, 1999, p. 57)

A frase de Nietzsche indica a relatividade da verdade. Foi a interpretação literal das últimas profecias das bruxas que fez Macbeth sentir-se seguro. A interpretação matemática, adequada ao modelo cartesiano, se mostrava como verdade indiscutível e se revelou frágil. A contestação da racionalidade, o improvável de ver uma floresta deslocar-se, é vista por Macbeth como algo do demônio, algo que lhe tira as certezas e coloca sua condição de rei em suspensão.

Logo o castelo começa a ser

invadido e Macbeth se encontra sozinho, seus próprios soldados o abandonam, procura apenas pelo homem que não nasceu de uma mulher. Macduff se apresenta e começam a lutar. Macbeth diz a ele do encanto que o ampara e Macduff diz: “Não confia mais em teu feitiço, e que o diabo, a quem tu sempre serviste, diga-te que Macduff foi arrancado a força do ventre da mãe antes do tempo”. Macbeth desespera-se e diz: “Amaldiçoada seja a língua que me diz tal coisa! E que não se acredite mais nesses enganadores demônios que nos ludibriam com ambíguas palavras e que mantêm a promessa para os nossos ouvidos e a quebram para nossa esperança. Eu não lutarei contigo”. Macbeth vira-se, foge, mas Macduff o persegue e o encurrala. Lutam. Aparece o boneco forjado pelas bruxas sendo decapitado. Depois de vencer Macbeth, Macduff arranca sua cabeça e a mostra para o povo, proclamando Malcom o novo rei. A cena é uma espécie de realização do destino, de justiça e de ordenamento dos fatos, como se o curso natural da vida voltasse ao lugar de onde não deveria ter saído. O observador tem

um misto de alívio e sensação de vazio, tendo diante dos olhos a totalidade dos fatos e os custos da tragédia. Albert Camus (2008, p. 29) corrobora esse sentimento:

A hostilidade primitiva do mundo, através dos milênios, remonta até nós. Por um segundo não o entendemos mais, porque durante séculos só entendemos nele as figuras e desenhos que lhe fornecíamos previamente, porque agora já nos faltam forças para usar esse artifício. O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo. Aqueles cenários disfarçados pelo hábito voltam a ser o que são. Afastam-se de nós.

O mundo, afinal, mostra-se finalmente pelo seu não conhecimento, pelos seus enigmas. A previsão é incerta, e a realidade imprecisa. O desconhecido está em todas as coisas, mas é a própria morte que se mostra presente sem ser conhecida.

Enquanto os soldados festejam o novo rei, Malcom, filho de Duncan, a câmera focaliza Fleance, filho de Banquo, e que escapou da emboscada que matou seu pai, com a pequena coroa usada no feitiço de Macbeth nas mãos, fazendo referência à profecia de que os filhos de Banquo darão origem a uma linhagem de reis. Com isso, o filme termina com o indicativo de novas lutas pelo poder e confere-se uma conotação

cíclica para a história, mostrando que a tragédia humana não se acaba. O horror atrela-se à condição política do homem e não tem fim. A consciência desse não acabar é, em si, insuportável. A busca pelo poder se impõe como parte da história e as conseqüências são previsíveis e passíveis de anunciação.

Esse final não consta no texto original. Orson Welles intencionalmente constrói esse último suspense, reforçando o viés político presente na obra. A cena com Fleance segurando a pequena coroa forjada pelas bruxas tem um forte significado e pode ser considerada a síntese do filme. Os olhos do futuro rei guardam um porvir misterioso e ao mesmo tempo previsível. É nesse misto de previsibilidade e contingências que Welles constrói sua narrativa, dando ênfase trágica ao texto de Shakespeare. O horror ganha visualidade não apenas através da estética sombria dos cenários e figurinos, e pela presença da morte na trama, mas principalmente pela busca anunciada de poder. O futuro de sofrimento, morte e destruição é perseguido e não pode ser evitado.

Macbeth experiencia o horror

pela impotência de driblar o destino e pela irrealização de seu projeto de poder. Por fim, o horror salta da tela e é sentido pelo próprio expectador, que vê em Macbeth um simulacro da humanidade. Sua busca pelo poder, algo tão presente na história dos homens, vincula-se ao trágico. Com isso, é possível dizer que tanto Shakespeare quanto Welles guardam uma visão peculiar da condição humana. Para eles, a partir dessa história, a existência ganha forma na medida em que a vontade irascível de poder faz girar a roda da fortuna. Macbeth, portanto, representa os limites da existência diante da vida.

*Recebido em: 10/04/2014*

*Aceito em: 05/08/2014*

### **Referências Bibliográficas**

ARAUJO, Rafael. *A Experiência do horror: arte, pensamento e política*. Tese de doutorado. Programa de estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo, 2009.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HÖLDERLIN, Friedrich. Escritos filosóficos. In: ROSENFELD, Denis L. (Ed.). *Filosofia & literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 163-174 (Filosofia política, série III, nº 1).

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 51-60 (coleção Os pensadores).

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.